

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS
PALOMA AGRELIS CAVALCANTI

ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO PARA O
TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

GARANHUNS

2019

PALOMA AGRELIS CAVALCANTI

**ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO PARA O
TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima.

Coorientador: Prof. Dr. Eudes da Silva Santos.

GARANHUNS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB-UFRPE)

C377a Cavalcanti, Paloma Agrelis
Análise das orientações do currículo de Pernambuco para o trabalho com a variação linguística / Paloma Agrelis Cavalcanti. – Garanhuns, 2019.
51 f.

Orientador(a): Luiza Cristina Pereira de Araújo.
Monografia (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras, Garanhuns, BR-PE, 2019.

Inclui referências.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Educação básica. I. Lima, Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque (orient.) II. Universidade Federal Rural de Pernambuco III. Título

CDD 469.07

PALOMA AGRELIS CAVALCANTI

**ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO PARA O
TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura pelo Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Orientadora: Prof. Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima.

Coorientador: Prof. Dr. Eudes da Silva Santos.

Aprovado em 13/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Ma. Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque Lima (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ma. Mary Hellen Batista dos Santos Severiano
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dra. Luiza Cristina Pereira Araújo
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico este trabalho a todos os meus professores, que contribuíram, cada um à sua maneira, com maestria, para a minha formação, aos meus pais, por sempre colocarem a minha educação em primeiro lugar e ao meu esposo, por todo incentivo e apoio durante essa jornada rumo ao conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por ter me escolhido desde o ventre da minha mãe e por abençoar a minha jornada até aqui, sendo meu sustento nos momentos difíceis.

A minha família, por cuidar sempre da minha educação e por todo o apoio, cuidado, amor e carinho doados a mim. Agradeço de coração ao meu esposo por todo o seu amor e por sempre me motivar e acreditar em mim.

Sinto-me grata por todos os meus professores, que com valiosa contribuição me ensinaram o caminho para chegar até aqui. Também agradeço a todos os meus amigos, que sempre me incentivaram e inspiraram.

Minha gratidão à minha querida Orientadora, Profa. Emanuelle Camila por toda a paciência, zelo e carinho com que me orientou, contribuindo ricamente para que esta pesquisa pudesse ser executada, ao meu Coorientador Eudes da Silva Santos, por todo o apoio concedido e também à toda a banca examinadora por suas contribuições para esse trabalho.

Por fim, sou grata a todos que direta ou indiretamente auxiliaram para a realização deste trabalho, a todos vocês o meu muito obrigada!

“ [...] A vida não me chegava pelos jornais nem
pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do
povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do
Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada [...]”
(Evocação do Recife – Manuel Bandeira)

RESUMO

O presente trabalho analisará o trabalho com a variedade linguística no Currículo de Pernambuco, um documento criado em 2019 e que serve orientador do trabalho pedagógico nos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio. A pesquisa se deterá aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), observando a variação linguística nas habilidades que o documento propõe em seu Organizador Curricular. Para realizarmos essa pesquisa de cunho documental, utilizamos como marco teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista, que teve como precursor William Labov (2008) e a Sociolinguística Educacional, amparando-nos nos autores Bortoni-Ricardo (2005) e Sgarbi & Roncália (2011). Na análise do documento, percebemos que algumas das habilidades dentro dos quatro eixos propostos - eixo da Leitura (doze habilidades), da Produção Textual (quatro habilidades), da Oralidade (quatro habilidades) e da Análise Linguística/Semiótica (quatro habilidades), observam as diversas variedades linguísticas, considerando todo o aparato que o aluno já traz consigo, o contexto comunicativo das atividades e textos trabalhados em sala de aula, e, a partir disto, trabalha para ampliar o repertório dos estudantes, considerando, dessa forma, todas as variações da língua Portuguesa como autênticas e legítimas.

Palavras-chave: Variação linguística. Currículo de Pernambuco. Sociolinguística. Sociolinguística Educacional.

ABSTRACT

The present work will analyze the work with a linguistic variety in the Pernambuco Curriculum, a document created in 2019 and which serves as a guide to the pedagogical work in the Elementary and Secondary Education. The work analyzed only the final years of elementary school (6th to 9th grade), observing the linguistic variation in the skills that the document proposes in its Curricular Organizer. To accomplish this research, we used as a theoretical and methodological framework the Variationist Sociolinguistics, which had as precursor William Labov (2008) and Educational Sociolinguistics, with the authors Bortoni-Ricardo (2005) and Sgarbi & Roncália (2011). In the analysis of the document we noticed some of the skills within the four proposed axes - Reading axis (twelve skills), Textual Production (four skills), Orality (four skills) and Linguistic / Semiotic Analysis (four skills). These axes observe the linguistic varieties, considering the whole apparatus that the student already brings with him, the communicative context of the activities and texts worked in the classroom, and the work to enlarge the repertoire of this student, considering all the variations of the Portuguese as authentic and legitimate.

Keywords: Linguistic Variation. Pernambuco Curriculum. Sociolinguistic. Educational Sociolinguistic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Habilidades a serem desenvolvidas	32
Figura 2 – Habilidades 1	34
Figura 3 – Habilidade 2	34
Figura 4 – Habilidade 3	35
Figura 5 – Habilidade 4	35
Figura 6 – Habilidade 5	36
Figura 7 – Habilidade 6	36
Figura 8 – Habilidade 7	37
Figura 9 – Habilidade 8	37
Figura 10 – Habilidade 9	38
Figura 11 – Habilidade 10	38
Figura 12 – Habilidade 11	39
Figura 13 – Habilidade 12	39
Figura 14 – Habilidade que trata da Variação Linguística 1	41
Figura 15 – Habilidade que trata da Variação Linguística 2	41
Figura 16– Habilidade que trata da Variação Linguística 3	42
Figura 17 – Habilidade que trata da Variação Linguística 3	42
Figura 18– Habilidade que trata da Variação Linguística 1	43
Figura 19 – Habilidade que trata da Variação Linguística 2	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SOCIOLINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS	11
2.1	CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	12
2.2	SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL	14
3	METODOLOGIA	21
3.1	TIPO DE PESQUISA	21
3.2	REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO	21
3.2.1	O gênero currículo e concepções sobre o Currículo de Pernambuco ...	23
4	O CURRÍCULO DE PERNAMBUCO: ENSINO FUNDAMENTAL	24
4.1	A ÁREA DE LINGUAGENS	24
4.1.1	Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental	25
5	ANÁLISE DOS DADOS	27
5.1	ANÁLISE DO TRABALHO COM A VARIAÇÃO NO ORGANIZADOR CURRICULAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	27
5.1.1	O eixo Leitura e a Variação	31
5.1.2	O eixo Produção Textual e a Variação	33
5.1.3	O eixo Oralidade e a Variação	40
5.1.4	O eixo Análise linguística/semiótica e a Variação	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Todas as línguas do mundo estão sujeitas a variações, pois são dinâmicas e heterogêneas. Com o Português Brasileiro não é diferente. Vivemos em um país enorme tanto em questões territoriais quanto em questões culturais. Toda essa variedade tem sido objeto de estudo e de debate nos últimos tempos, e todos eles atrelados à Sociolinguística.

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso nas comunidades de fala e suas relações sociais, culturais e econômicas. Algumas de suas áreas de interesse buscam mostrar que existem diferentes formas de dizer o mesmo.

Estudos vêm sendo desenvolvidos na área afim de mostrar que todas as manifestações linguísticas são relevantes e que nenhuma pode ser considerada melhor ou pior do que a outra. Sendo assim, a gramática normativa, que é ensinada nas escolas, configura apenas uma das formas de uso da língua.

A Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, proposta por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1998), trabalha, nesse sentido, na descrição das variações, próprias da língua, provando sua sistematicidade e observando às razões que contribuem para que elas ocorram. (MACEDO, 2004).

Esses estudos servem para desmistificar a língua e contribuem para a quebra do preconceito linguístico, ao passo que coloca no mesmo patamar do padrão culto das diretrizes escolares, a expressão linguística que nos é inerente e plausível.

Além disso, a Sociolinguística Educacional, outra subárea da Linguística, quando incluída nas aulas de Português, contribui para a desmistificação dessas crenças limitantes, além de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, ao passo que, ao observar as características sociais das falas de seus alunos e considerar todas as variantes, os professores terão aporte linguístico, desenvolvendo seus conhecimentos a respeito da língua, e poderão, a partir disso, trabalhar para a expansão da competência linguísticas desses alunos, melhorando assim, todo o processo pedagógico.

Na presente pesquisa, de cunho documental, observaremos, com base no modelo da Sociolinguística Variacionista e Educacional, aqui já expostas, e que foram objeto de estudo de autores como Macedo (2004), Bortoni-Ricardo (2005) e

Sgarbi e Roncália (2011), o Currículo de Pernambuco (2019), que será o nosso *corpus*.

Esse documento foi criado para servir de orientador do processo pedagógico no estado de Pernambuco. O seu Organizador Curricular traz as práticas a serem desenvolvidas em sala de aula, incluindo-as em quatro eixos (Leitura, Oralidade, Produção Textual e Análise Linguística/Semiótica), analisando se eles observam, ou não, as variedades linguísticas nos anos finais do Ensino Médio (6º ao 9º ano) e, também, se esse trabalho se alinha ao modelo que serve de base teórica-metodológica da pesquisa, (Sociolinguística Variacionista e Educacional).

Essa análise do Currículo de Pernambuco (2019), com recorte para a variação linguística, se justifica por ser uma análise inédita do documento, abrindo caminho, assim, para que outras pesquisas possam ser realizadas.

O trabalho será dividido da seguinte forma: na sessão 2: Sociolinguística: pressupostos; onde discorreremos sobre a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, e a Sociolinguística Educacional, que embasam esta pesquisa; sessão 3: Metodologia, onde trataremos do tipo de pesquisa e faremos algumas reflexões sobre a construção do Currículo de Pernambuco e sobre o gênero Currículo em si;

Sessão 4: O currículo de Pernambuco: ensino fundamental, nesta sessão falaremos sobre o que o documento propõe para o ensino fundamental, focando nos anos finais e na área de linguagens, Língua Portuguesa, discorrendo sobre quais as competências que essa área busca desenvolver; sessão 5: Análise dos dados, onde faremos a análise do corpus em si, observando as habilidades dentro dos eixos (Leitura; Produção Textual; Oralidade e Análise Linguística/Semiótica) propostos pelo Organizador Curricular e o seu trabalho com a variação linguística.

Por fim, na sessão 6, as considerações finais, onde explanaremos as principais conclusões a que chegamos com a análise e na sessão 7 as referências bibliográficas utilizadas para fazer possível a realização deste trabalho.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: PRESSUPOSTOS

A Sociolinguística, uma subárea da Linguística, surgiu em meados do século XX, apesar de já haver, muito antes dos anos 1960, linguistas que desenvolveram pesquisas com teorias de natureza Sociolinguística, como afirmam os autores:

Em síntese: foi no início do século XX que começaram a germinar as sementes que viriam posteriormente – depois de cerca de meio século de domínio de correntes estruturalistas – a florescer e dar frutos no terreno fecundo da área de estudos da linguagem que ficou conhecida como Sociolinguística. (COELHO; GORSKI; MAY; SOUZA, 2012, p.16).

A exemplo disso, Harvier Currie, que de acordo com Figueroa (1994 *apud* MACEDO, 2004), em 1952 publicou o artigo “Uma projeção sociolinguística: a relação do discurso nas classes sociais”, sendo assim o primeiro a usar e sugerir a sociolinguística como uma disciplina independente. Após isso, o termo reapareceu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, 1964. Segundo Macedo(2004), a proposta de Bright (1974, p.17) é que a sociolinguística deve relacionar as variações linguísticas que se observa em uma comunidade e as diferenças existentes na estrutura social dessa mesma sociedade.

O objeto de estudo da Sociolinguística é o mesmo da Linguística, a saber, a língua, porém, em oposição às ideias do estruturalismo, base dos estudos de Saussure, considerado o pai da Linguística, e que defendia a ideia de língua homogênea - prezando pelo caráter estrutural e formal do fenômeno linguístico - o modelo de análise da sociolinguística surgiu para estudar os fenômenos de variação e mudança da língua em seu contexto social, levando em consideração tudo o que Saussure deixou de fora dos seus estudos, “apesar de já apontar para a face social da linguagem (SANTOS, 2015, p. 21)”, por acreditar na língua como uma estrutura autônoma. Os autores abaixo sustentam que,

[...] tanto gerativistas quanto estruturalistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas, etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto. (COELHO; GORSKI; MAY; SOUZA, 2012, p.19-20).

Segundo Macedo (2004) esse modelo de análise surgiu como reação à desvalorização dada ao componente social, principalmente na abordagem gerativista, iniciada por Noam Chomsky. Sobre isso, podemos ver que:

Paralelamente ao desenvolvimento da teoria gerativa, crescia nos Estados Unidos e na Europa a escola sociolinguística, que se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades, conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 20).

Os estudos sociolinguísticos, se deram, então, a partir da necessidade que linguistas e sociólogos tinham em esclarecer algumas questões sobre como a linguagem influenciava a sociedade ou vice e versa, voltando a sua atenção para uma investigação entre aspectos linguísticos e sociais. Segundo Mollica (2015), essa ciência está presente na fronteira entre língua e sociedade, focando os empregos linguísticos concretos, principalmente os de caráter heterogêneo.

Dessa forma, a sociolinguística enxerga a língua como “dinâmica e heterogênea” e visa estudar a influência de fatores externos sobre ela.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A primeira proposta concreta para tratar a língua como um fenômeno social e estritamente variável surge na década de sessenta. Tal proposta foi desenvolvida por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1998) e denominada de Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista.

Essa teoria tinha o objetivo de retratar a língua e seus fatores sociais e linguísticos, que determinam as pressões internas e externas e que torna possível a aplicação de uma determinada regra variável, segundo Macedo (2004).

William Labov é considerado o precursor e maior propagador dessa corrente Sociolinguística, também conhecida como Variacionista. A concepção Laboviana, segundo Macedo (2004), tem o objetivo de descrever a sistematicidade das variações observadas no uso linguístico de um locutor ou mais locutores de uma determinada comunidade.

Labov incorporou as análises dos componentes sociais às análises linguísticas, relacionando assim a língua e sociedade e adotou a prática de análise correlacional de base quantitativa.

A sociolinguística preocupa-se com a importância social da linguagem, desde os maiores até os menores grupos socioculturais, seu olhar se volta ao que não é idêntico ou estático, Cavalcane (2011, p.6) afirma que:

Assim, atribui-se à Sociolinguística o estudo das relações entre língua e sociedade. Aqui, língua deve ser entendida como um sistema de vários níveis integrados num todo historicamente estruturado. A Sociolinguística se ocupa do estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos da língua.

O papel da Teoria da Variação é, segundo Macedo (2004), descrever a variação que é inerente à língua e provar sua sistematicidade, deixando claro, dessa forma, as razões dessas variações e os contextos em que ela ocorre. Já que a diversidade é inerente às línguas e não se pode separá-las de variação, a sociolinguística a enfoca em suas motivações linguísticas e extralinguísticas.

O olhar de Labov era voltado para a língua heterogênea e isso serviu como marco nos estudos sociolinguísticos. Segundo o próprio Labov (2008, p. 215):

A língua é uma forma de comportamento social: declarações neste sentido podem ser encontradas em qualquer texto introdutório. Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.

Toda comunidade apresenta características sociais diversas e com o modo de falar acontece da mesma forma. O modo de dizer a mesma coisa de um jeito diferente denomina-se variante e ao agrupamento de variantes se dá o nome de variedade linguística.

Em cada uma dessas comunidades de fala encontram-se variantes opostas, como padrão x não padrão; prestigiada x estigmatizada; conservadora x inovadora. Apesar de coexistirem e do ponto de vista linguístico não existirem variantes inferiores, segundo Macedo (2004):

Geralmente a variante padrão é ao mesmo tempo conservadora e goza de prestígio linguístico na comunidade, enquanto que, quase sempre, as variedades inovadoras são tidas como não padrão e estigmatizadas pela comunidade [...] O que de fato podemos constatar é que os julgamentos sociais perante a língua não são baseados em critérios linguísticos e, sim, em critérios políticos e sociais.

A diversidade será sempre uma característica comum a todas as línguas, e segundo Macedo (2004)., o papel da sociolinguística, nesse sentido, é evidenciá-la como objeto de estudo, pois nenhuma língua se apresenta como homogênea, deixando claro, assim, que é representada por um conjunto de variedades, e essas variedades devem ser tratadas como uma qualidade que constitui o fenômeno linguístico, não sendo, portanto, um problema.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Muito se tem discutido, ao longo dos anos pós surgimento da Sociolinguística, maneiras de incluir dentro das salas de aula, mais precisamente das aulas de português, a teoria da variação - pois se trata de algo inerente à todas as línguas. Durante muitos desses anos a introdução de estudos voltados apenas para a norma padrão da língua portuguesa tem-se fixado nas escolas e a crença de que há apenas uma maneira correta de falar e escrever permeou-se nas bases curriculares nacionais e na sociedade. Dessa maneira:

O prestígio do português culto, padronizado nas gramáticas e dicionários e cultivado na literatura e nos mais diversos domínios institucionais da sociedade, não se restringe, como seria de esperar, aos grupos de seus usuários; ao contrário, perpassa todos os segmentos sociais. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

Diante disso, a sociolinguística educacional, subárea da Linguística, nasce com o intuito de desmistificar essas crenças, contribuindo assim para o processo de ensino-aprendizagem da linguagem. Bortoni-Ricardo (2005, p. 14):

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como.

O prestígio associado à norma padrão acontece, paralelamente, ao julgamento de que toda variedade que se afaste disso é defeituosa e deve ser deixada de lado e é esse o cerne da questão, pois o objetivo de se defender as variedades existentes em toda língua não é querer que o ensino da norma-padrão caia, mas que o trato com ambas coexista em sala de aula. O problema não parece estar, pois, na existência de um código-padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele, segundo Bortoni-Ricardo (2005).

A norma padrão, por estar associada ao prestígio social, tem sobre ela a ideia de que é a única forma correta de se falar o Português, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 26), “A língua-padrão relacionada a classe ou a status é definida como a variedade de fala que tem maior prestígio, independentemente do contexto e caracteriza um grupo social, geralmente o de *status* socioeconômico e cultural mais

alto”.

Em contrapartida, todas as outras variedades legítimas da língua, como já citado anteriormente, carregam um valor estigmatizado, “qualquer variedade cuja morfossintaxe e léxico desviem-se do português-padrão efetivamente usado é considerada ruim e indesejável, independentemente do contexto em que ocorra” (BORTONI-RICARDO 2005, p. 27).

Tais considerações acabam corroborando para a cultura do preconceito linguístico, e:

Para lidar com esse problema é preciso, antes de tudo, conhecer as características linguísticas desses alunos. A variedade inculta do português que eles falam tem de ser encarada como um subsistema bem estruturado que se distingue da língua-padrão de uma forma definida e consistente. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37).

O ensino da norma padrão, apenas, em sala de aula, prejudica principalmente os alunos de classes menos favorecidas economicamente, que, diferentemente dos mais abastados, provenientes de ambientes onde a variante de prestígio é a mais usual, chegam à escola e não tem as suas variantes valorizadas, além de terem que se adequar a uma língua praticamente nova para eles. Segundo afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 15):

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança- variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não ser respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente e língua-padrão.

Se por um lado não se pode negar o acesso à norma padrão a esses alunos, pois podem-se fechar as portas que já são muito poucas, por outro, a escola não pode deixar de lado as diferenças sociolinguísticas, como afirma Bortoni-Ricardo (2005). Sendo assim, o aprendizado da norma culta deve possibilitar uma “ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno”, que fará o uso de uma ou outra variante a depender da situação e do contexto em que se encontra. Para Cavalcante (2011), os indivíduos adequam a forma como se expressam às finalidades dos seus atos enunciativos e tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual de maneira mais ou menos consciente e essa seleção envolve um grau maior ou menor de reflexão por parte do indivíduo, ou seja, o uso do estilo formal em relação ao

informal requer uma atuação mais consciente. Além disso,

Outro fator que recomenda o ensino da norma culta é a importância que este aprendizado tem na mobilidade social do indivíduo. Qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino e assim obter empregos bem remunerados. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 36).

Esse conhecimento deve ser passado em sala de aula pois, sem ele, os alunos não poderão ascender profissionalmente.

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) o problema não está no ensino da norma padrão, visto que é essencial para o aluno aprender a como usá-la em situações mais formais, mas sim no fato de o seu ensino ser restrito e ineficiente a certos segmentos da população.

É importante, pois, que a escola não só ensine a língua padrão a todos os alunos, como também saiba valorizar todo o aparato que esse aluno já traz consigo, eliminando assim todo o conceito de que só existe uma forma de falar ou escrever, pois como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 25-26):

Essa postura teórica tem sérias implicações pedagógicas, já que a linguística recomenda que a norma culta seja ensinada nas escolas, mas que, paralelamente, se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social. Resguarda-se, assim, o direito que o educando possui à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista.

Além disso,

Para lidar com esse problema é preciso, antes de tudo, conhecer as características linguísticas desses alunos. A variedade inculta do português que eles falam tem de ser encarada como um subsistema bem estruturado que se distingue da língua-padrão de uma forma definida e consistente. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 37).

Encarando assim as variedades como nem melhores nem piores, porém com características diferentes que devem ser analisadas e levadas em consideração.

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 16) “a escola se preocupa mais em reprimir do que incentivar o emprego criativo e competente do português.”. Políticas que incluam as variedades em estudo nas aulas de Português são, pois, imprescindíveis, não só para incluir todos os alunos independente de sua classe social, valorizando assim a sua cultura, como para desmistificar o preconceito linguístico que ainda hoje está tão arraigado na sociedade, como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 37) quando diz que “é tempo de conferir prioridade ao estudo da

“linguagem das maiorias”. Esse estudo prévio é indispensável para a solução dos graves problemas sociais que decorrem das diferenças diastráticas da língua.”.

No que confere a isso, o estudo deve voltar o seu olhar para as variantes não padrão e suas variáveis, pois,

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas- que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical). (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 31).

Nesse sentido, segundo Sgarbi e Roncália (2011, p. 3):

Cabe ao professor de Língua Portuguesa, portanto, a missão de conciliar teoria à práxis, isto é, há que orientar os alunos a ampliarem suas competências comunicativas e a darem real valor à variedade lingüística [sic], trazida de suas casas, sem taxa-las como “errada”. A intenção com essa atitude é proporcionar aos alunos momentos de reflexão lingüística [sic], ao fazer com que explorem as diversas possibilidades de usos da linguagem, sejam elas deflagradas por questões regionais, sociais ou situacionais.

Para tal, é necessário que todo esse estudo seja refletido nas aulas de Língua Portuguesa. “Essas questões lingüístico-educacionais têm de ser mais discutidas e a sua importância para a implementação de um estado democrático, redimensionada”. Bortoni-Ricardo (2005, p. 16), e:

Esse trabalho implica atividades de leitura reflexiva, as quais conduzam os alunos a perceber, entender e posicionar-se ante a variação que envolve e compõe a língua, língua essa que não está separada do aluno, mas que faz parte dele, do seu dia a dia, seja na própria sala de aula ou qualquer outro domínio social. (SGARBI & RONCÁLIA, 2011, p. 3).

Esse novo olhar deve ser, sobretudo, bem planejado e discutido para que possa ser aplicado e a escola deve ser uma incentivadora do estudo e valorização de todas as variáveis em sala de aula e não o contrário. Bortoni-Ricardo (2005, p.49), sustenta que:

Ocorre que a função da escola, no processo de aquisição da linguagem, não é ensinar o vernáculo, pois este os alunos já trazem consigo ao iniciar a escolarização, pois o adquirem na sua rede primária de relações, constituída da família e vizinhos. A função da escola é justamente desenvolver outras variedades que se vão acrescer ao vernáculo básico.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 37) diz que “Nunca é supérfluo reafirmar, porém, que do ponto de vista lingüístico, essas variedades não são estruturalmente inferiores à norma-padrão. O conceito de “erro gramatical” é tão somente uma

questão de diferença entre dois dialetos. ”

Para isso, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 16-20):

É indispensável o desenvolvimento de um aparato teórico-metodológico adequado à realidade nacional, realidade essa que necessita de estudo e revisão criteriosos sobre as metodologias das teorias sociolinguísticas vigentes para que assim possa se desenvolver metodologias adequadas. ”

Ainda sobre esse ponto, Bortoni-Ricardo (2005, p.29) afirma que “[...] a efetiva operacionalização de uma política educacional igualitária e democrática requer estudo criterioso dos fenômenos sociolinguísticos, analisados em suas peculiaridades, por meio de métodos adequados”.

Após avaliar e estudar essas questões e levantar o “perfil sociolinguístico do educando”, Bortoni-Ricardo (2005, p. 29) demonstra que o professor/estado terá uma base que servirá de “subsídio para a formulário de uma política educacional que atenda às seguintes condições”:

- (i) Respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando-o do perverso processo de conflito de valores e de insegurança linguística;
- (ii) Garanta-se-lhe acesso à língua-padrão, permitindo-lhe mobilidade social;
- (iii) Seja facilmente operacionalizável.

Com isso,

Abre-se, pois, na área da educação e nos demais setores das relações sociais, um imenso campo de trabalho para a linguística nacional. Cabe a ela estudar a variação da língua nos espaços geográfico e social, propor soluções para o impasse do anacromismo da gramática normativa, combater o estigma atribuído às variedades denominadas “incultas”, levantar as atitudes dos falantes em relação à língua, determinar as etapas evolutivas dos traços em processo de mudança, e, principalmente, apontar caminhos e estratégias para a educação no Brasil. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 38).

Sgarbi e Roncália, (2011, p.2), afirmam que toda a base construída pelo homem, como sua cultura e experiências e a maneira como isso se passa de geração em geração é feita através da língua, ferramenta que propicia interação constante entre sujeito e sociedade e, por isso,

Trabalhar a língua em sala de aula nas veredas da teoria sociolinguística é mostrar aos alunos, entre outras questões, os discursos variados que circulam socialmente e suas respectivas valorações, além, ainda de fazer com que percebam os casos de variação, não como “erros”, mas como

“diferenças” comuns a toda língua falada. (SGARBI E RONCÁLIA, 2011, p.3).

Ainda em relação ao trabalho com a variedade, nos parâmetros sociolinguísticos, nas aulas de Língua Portuguesa, Sgarbi e Roncália (2011, p.6), sustentam que:

É preciso aplicar, na prática com o aluno, as formas que a língua dispõe, transformando as variantes da língua em unidades de trabalho e instigando esse aluno a um maior contato com o meio atual, com o objetivo de fazer com que detecte os fatores que influenciam os variados “formatos lingüísticos” [sic]. Assim o aluno será capaz de entender o funcionamento e a estrutura da língua de modo a ampliar, efetivamente, sua competência discursiva, além de desvencilhar-se de possíveis preconceitos.

Ainda sobre isso, segundo Sgarbi e Roncália (2011, p. 6), deve-se haver um procedimento claro, objetivo e bem definido, pois, caso o contrário, o aluno terá dificuldades com a língua, não sabendo assim o seu funcionamento e, conseqüentemente, a valorização da variação, fenômeno natural em todas as línguas e, por isso, definem sugestões a serem aplicadas em sala de aula, para um efetivo trabalho com a variação, pautadas no uso da língua e para que “ as concepções da língua e linguagem sejam perpassadas pela teoria sociolingüística [sic] e a língua seja estudada pelo viés de uso”.

Para um primeiro contato com os alunos, as autoras aconselham uma produção de texto, tomando cuidado com a metodologia, para que os alunos escrevam sobre algo em que tenham familiaridade e que, logo após, haja a troca destes entre eles, para que tenham contato com os diferentes textos elaborados.

A partir desses textos, o professor (a) poderá analisar a linguagem aplicada, própria dos alunos, e as possíveis variantes da língua ali empregadas.

Após essa análise, retornar os textos para a sala de aula, selecionar alguns para discussão e pontuar a variação existente para que aí se faça a reescrita tomando a norma padrão e “explicando a adequação a outros contextos”. Sgarbi e Roncália (2011, p. 7) explicam que:

Dessa forma, os alunos tenderão a manter um contato maior com os textos produzidos por eles mesmos, assim como a trabalhar a oralidade dessas produções mediante a leitura em voz alta, com o intuito de que percebam, na fala, as diferentes formas de pronunciar as variantes encontradas com o mesmo sentido de verdade.

As autoras propõem, ainda, uma atividade de pesquisa direcionada às variações existentes para que os alunos possam conhecer as “competências

discursivas da comunicação”, abrindo possibilidades de comunicação nas diferentes situações de fala e levando-os a associar com os diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade, como textos literários e jornalísticos, blogs, e-mails, etc. para então “selecionar alguns, fazer leituras, em seguida analisar as variações presentes, o funcionamento na língua e quais os fatores que influenciam as variações que foram percebidas”.

Além disso, o professor, segundo Sgarbo e Roncália (2011), pode trabalhar o gênero entrevista com os alunos, para que possam entrevistar um ao outro e em seguida realizar a transcrição afim de analisar a linguagem empregada, “observando a oralidade e os padrões desses sons na escrita, de modo a identificar os elementos sociais que favorecem a variação” além de verificar os recursos próprios da fala presentes para que possam reconhecer os fatores que fazem com que essa variação aconteça.

Ademais, trazer textos do cotidiano seria interessante para fazer uma leitura oral e aproximar os alunos à realidade da língua, que está sempre em transformação. Dessa forma, Sgarbi e Roncália (2011, p.8), defende que:

Poderão pensar sobre o processo sistemático que cerca os fenômenos de variação linguística nos diferentes usos da Língua Portuguesa, seja na vida pessoal ou profissional. Há também a possibilidade de trabalhar com textos publicitários como, por exemplo, a propaganda, de modo a levar o aluno a identificar os elementos linguísticos que compõem esse gênero, assim o leitor poderá processar os meios de decodificação de texto em relação a função social.

Neste trabalho iremos analisar o Currículo de Pernambuco (2019) e o tratamento da variação linguística em relação ao trabalho com a variação nas aulas de Língua Portuguesa para atender às reais necessidades dos alunos, postas aqui anteriormente, no sentido de valorizar a linguagem e todas as variedades que naturalmente a compõem.

3 METODOLOGIA.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Nesta pesquisa, adotaremos a pesquisa documental, que, segundo Kripka, Scheller & Bonotto (2015), consiste no exame de documentos que ainda não sofreram nenhuma análise, ou que podem ser reexaminados com o intuito de se buscar outras interpretações ou informações complementares.

A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer as formas como estes têm sido desenvolvidos. [2] Ela pode ser utilizada no ensino na perspectiva de que o investigador “mergulhe” no campo de estudo procurando captar o fenômeno a partir das perspectivas contidas nos documentos, contribuindo com a área na qual ela se insere. (KRIPKA, SCHELLER & BONOTTO, 2015, p. 2).

Ainda segundo as autoras, cabe ao pesquisador encontrar, selecionar e analisar o documento que servirá de base para os seus estudos. Na presente pesquisa, trabalharemos analisando o Currículo de Pernambuco (2019), mais especificamente o trabalho com a variação que ele traz e como é aplicado em cada um dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

Em suma, segundo Kripka, Scheller e Bonotto (2015, p. 2), a pesquisa documental tem seus dados obtidos a partir de documentos, para extrair suas informações com o objetivo de compreender um fenômeno. Para a análise dos documentos utiliza-se um método chamado “método de análise documental”. Para se trabalhar com a pesquisa documental, utiliza-se métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise dos mais variados tipos de documentos.

3.2 REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO DE PERNAMBUCO

O Currículo de Pernambuco é um documento curricular que foi elaborado para servir de orientador, a partir de 2019, do trabalho pedagógico, tanto do Ensino Infantil, como do Ensino Fundamental e Médio em todo o estado de Pernambuco.

A criação deste currículo se deve a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco juntamente com a União dos Dirigentes Municipais de Educação

(UNDIME-PE). O Currículo se baseia nos Parâmetros Curriculares de Pernambuco - PCPE (2012), nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DNC) (2013) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que atendem, respectivamente, ao Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos; Educação Básica e Ensino Fundamental.

Para produzir o documento, houve a mobilização de mais de oito mil pessoas – a saber, membros da sociedade civil; professores (de universidades públicas e particulares e das redes municipal, estadual e escolas privadas); redatores; coordenadores da Educação Infantil; coordenadores das etapas iniciais e finais do Ensino Fundamental; articulador municipal e coordenadores estaduais. Essa equipe contou com o apoio técnico e financeiro do Ministério da Educação (MEC).

O objetivo maior que levou à construção do Currículo de Pernambuco, segundo o próprio documento, foi a necessidade de ampliar o debate com os profissionais da educação, de um modo geral, para que assim fizessem suas devidas contribuições no que diz respeito à cultura e características locais e regionais da sociedade, da economia e da comunidade escolar para garantir a contextualização, ampliação ou aprofundamento das habilidades previstas na BNCC, no intuito final de contemplar a identidade cultural, política, econômica e social do Estado.

A versão preliminar do currículo, contendo as contribuições das escolas, foi discutida em seis seminários regionais que aconteceram em agosto e setembro de 2018, por professores das redes pública e privada de escolas e universidades, como já citado, além de representantes do Conselho Estadual de Educação, da UNCME, do SINEPE/PE (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de Pernambuco) e outros membros da sociedade. Essas colaborações foram incorporadas à segunda versão do documento que foi validada em um Seminário Estadual e, com as alterações sugeridas incorporadas, foi consolidada a versão final do currículo de Pernambuco. Posteriormente foi enviado para análise e parecer do Conselho Estadual de Educação, que aprovou por unanimidade o documento.

O Currículo de Pernambuco é composto por quatro folhetos contendo orientações no processo de ensino-aprendizagem e práticas pedagógicas em sala de aula, sendo um volume dedicado à Educação Infantil e três à Educação Fundamental, estando, neste último, toda a análise proposta pela presente pesquisa.

3.2.1 O gênero currículo e concepções sobre o Currículo de Pernambuco

Segundo Goodson (1997, p.17) o currículo é um artefato social que serve para realizar objetivos humanos específicos e reflete um momento histórico, político, econômico, cultural e de projetos da sociedade. Ainda não há um consenso teórico sobre o que ele vem a ser, e, por isso, sua elaboração está sujeita a uma multiplicidade de interpretações.

Segundo o próprio currículo em análise, O Currículo de Pernambuco (2019), sua elaboração surge de uma “consolidação das diferentes formas de pensar e fazer o processo educativo das diversas instâncias de construção curricular”. O currículo é, pois, um definidor do que se deve ensinar e aprender, a partir da problemática acerca das necessidades inerentes às práticas educativas.

O currículo é compreendido, então, como “fruto de uma construção coletiva que envolve diversas etapas, instâncias, sujeitos, intenções e finalidades”. Dessa forma, ele traduz a escola dando o Norte às relações que se estabelecem dentro e fora dela, constituindo-se assim, como um dos “elementos responsáveis pela formação humana na instituição escolar”. O documento traz que:

Compreendido dessa forma, o Currículo de Pernambuco se apresenta como um elemento que integra a dimensão humana aos requisitos necessários para a vida em sociedade, buscando ofertar uma formação integral aos sujeitos do processo educativo, possibilitando a estudantes e professores compreenderem diferentes dimensões da vida e do ser social. (Currículo de Pernambuco, 2019, p. 19)

Segundo o Currículo, ainda, as práticas pedagógicas precisam desenvolver os alunos integralmente, afim de torná-los, com o passar do tempo, sujeitos sociais e protagonistas, que contribuem para a construção de uma sociedade mais “justa, igualitária, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária”.

4 O CURRÍCULO DE PERNAMBUCO: ENSINO FUNDAMENTAL

A presente pesquisa analisará o Currículo de Pernambuco, mais especificamente os anos finais do Ensino Fundamental.

A segunda etapa da educação básica, que, segundo o próprio documento, passou por diversas mudanças ao longo dos anos. A Lei nº 11.274/2006 (BRASIL, 2006), estabelece a duração de nove anos para o Ensino Fundamental. Por ser a etapa mais longa da educação básica, é necessário um cuidado a mais com as práticas pedagógicas e o tratamento com os alunos, os formando da melhor forma possível.

O Ensino Fundamental em seus anos finais, (6º ao 9º ano), requer ainda mais atenção, pois os alunos estarão passando por diversas transformações, tanto físicas quanto mentais. Nessa fase é necessário não só retomar o que foi ensinado nos anos anteriores como também aprofundar e ressignificar essas aprendizagens.

O documento indica uma concepção e elaboração de diretrizes educacionais específicas para essa fase, no sentido de garantir uma transição integrada e qualificada. Para isso, faz-se necessário considerar além, das especificidades dos anos finais do EF, o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

4.1 A ÁREA DE LINGUAGENS

A área de Linguagens do Currículo de Pernambuco abrange as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Na presente pesquisa nos deteremos apenas ao componente Língua Portuguesa.

De maneira geral, o documento traz a área de linguagem como uma área marcada por “aspectos plurais e dinâmicos” e trata a linguagem humana como a capacidade de articular e produzir significados, além de a considerar uma atividade interativa e dialógica desenvolvida por sujeitos sociais em diferentes esferas discursivas.

Segundo Labov (2008, p.221) é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a “mesma” coisa, e, por isso, nada mais natural do que tratá-la dessa forma, levando em consideração o seu caráter heterogêneo.

4.1.1 Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

Partindo para os processos de ensino-aprendizagem propriamente ditos, o Currículo de Pernambuco estimula os professores a tratarem e mostrarem que as linguagens se complementam e são importantes de uma maneira contextualizada, trabalhando-a com significado.

O documento traz ainda algumas competências específicas que a área de linguagens deve desenvolver, dentre elas,

Compreender as linguagens como construção humana, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais. (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2019, p. 78).

Fica claro que não cabe, então, no decorrer da elaboração deste documento, o conceito de língua como algo estático e desligado do social.

Nesta pesquisa analisaremos se dentro das práticas pedagógicas na área de Língua Portuguesa, o Currículo de Pernambuco traz realmente atividades que trabalham a variação e se efetivamente trabalha-se a linguagem dessa forma.

No que desrespeito à concepção de Língua, o documento Currículo de Pernambuco a considera como forma de interação social, uma atividade de intervenção, produção de sentido, meio de atuação e exercício de poder. O uso da língua é feito por intermédio de textos e, por isso, ele se torna o próprio lugar de interação, sendo o centro dos processos relativos ao ensino-aprendizagem.

A linguagem envolve aspectos pragmáticos como contexto, intenções, interlocutores e suporte e é variável. Dessa forma, novas formas de interação e representação estão sendo possíveis.

O currículo trabalha com duas perspectivas para o trabalho com a Língua Portuguesa, a Sociopolítica, que evidencia no trabalho pedagógico, os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e a Linguística, que trabalha as concepções de linguagem que orientam o ensino e aprendizagem.

O documento em análise, por tratar a linguagem como forma de interação, como dito anteriormente, além do texto como eixo que liga elementos e aprendizagem da língua, propiciando assim a expansão da capacidade de interlocução, considera que é necessário deslocar o ensino – “centrado em

conteúdos gramaticais e de reconhecimento de signos e regras desvinculadas das práticas de linguagem” (Estruturalismo) - e realocá-lo no domínio da compreensão da função da língua, das suas variações, das atividades de construção de sentidos, da relação entre oral e escrito, além das práticas de linguagem. (Funcionalismo).

Apesar de não excluir o caráter sistêmico, o documento enfatiza que esse caráter deve ser estudado com reflexão e para produção de sentidos.

O currículo traz a afirmação da BNCC (2017, p. 81) que pontua que:

Os conhecimentos sobre as diferentes linguagens, sobre a língua, sobre os gêneros textuais, sobre a norma-padrão devem ser mobilizados em favor da ampliação do repertório dos estudantes, das capacidades da leitura, produção e reflexão sobre as linguagens, do desenvolvimento da fruição e da apreciação estética e do trato com o novo e o diferente.

Dessa forma, esses conhecimentos possibilitarão a participação dos alunos nos mais variados campos da atividade humana.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 ANÁLISE DO TRABALHO COM A VARIAÇÃO NO ORGANIZADOR CURRICULAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo o Currículo de Pernambuco (2019, p. 93) o trabalho com a linguagem nos anos finais do ensino médio baseia-se na ampliação, complexificação e maior criticidade das situações comunicativas que já foram vivenciadas pelos alunos em direção a experiências novas com a linguagem.

Ainda segundo o documento:

a escola constitui – para grande parte da população brasileira – a principal e, muitas vezes, o único meio de acesso ao conhecimento sistematizado, crescendo, dessa forma, sua responsabilidade no sentido de assegurar e fornecer a todos os recursos essenciais para plena inserção na vida social, econômica e cultural do local em que vivem. Nessa direção, no que tange ao ensino de Língua Portuguesa nos anos finais, compete à escola empregar métodos, estratégias e recursos que melhor atendam às características cognitivas e culturais dos estudantes (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2019, p. 93).

A escola é responsável, no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa nos seus anos finais, pelo emprego de métodos, estratégias e recursos que ajudem na melhoria do atendimento às características cognitivas e culturais dos alunos.

Nesse ponto, o Currículo de Pernambuco está de acordo com a Sociolinguística Educacional, que recomenda, segundo Bortoni-Ricardo (2005), que a norma culta seja ensinada nas escolas e, ao mesmo tempo, se preservem os saberes sociolinguísticos e a cultura que os alunos trazem consigo do seu ambiente social. Dessa forma, defende-se o direito à preservação da identidade cultural própria de cada educando, sendo ela rural ou urbana, popular ou elitista

Conforme o documento, o ensino da Língua Portuguesa considera a língua como um objeto de interação social. Essa consideração reflete na metodologia em sala de aula, através de sequências didáticas favorecendo atividades de leitura, com foco na interação autor/leitor e buscando a construção de sentidos de textos, atividades de produção de textos orais e escritos “compreendidos enquanto propostas de produção de sentidos previamente definidas, em que alguém diz alguma coisa para alguém”. Esse viés sócio interacionista trabalha para que os

alunos compreendam que a língua que estudam é a mesma que usam nas diversas esferas sociais em que circulam, alinhando assim, mais uma vez ao que é proposto pela Sociolinguística Educacional, quando diz que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Nesses anos finais do Ensino Fundamental, analisados nesta pesquisa, conforme traz o documento apresentado:

faz-se necessário, nesta etapa da educação básica, desenvolver metodologias, práticas e ações pedagógicas que visem à promoção e ao fortalecimento da autonomia, do caráter crítico e investigativo, da fluência e, especialmente, do protagonismo sem perder o foco na formação de leitores e de produtores de textos (orais e escritos) aptos a exercerem sua cidadania e humanidade plena e conscientemente. (CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2019, p. 96).

Para isso, professores e alunos precisam, no que diz respeito ao processo de ensino, colaborar um com o outro, desvinculando-se assim da memorização e transmissão de conteúdo, focando nas aprendizagens e na busca por novas formas de interação entre todos os “atores sociais” (estudantes, alunos, sociedade, familiares, etc.). A Língua Portuguesa possibilita, nesse contexto, “a construção e expressão de diferentes identidades”.(CURRÍCULO DE PERNAMBUCO, 2019, p.96).

Dentre as competências específicas da área de linguagens que o documento Currículo de Pernambuco (2019, p. 97) espera desenvolver, destacamos as seguintes:

- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

Essa competência também se alinha à Sociolinguística Educacional, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 26), “a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala”, pois:

Ocorre que a função da escola, no processo de aquisição da linguagem, não é ensinar o vernáculo, pois este os alunos já trazem consigo ao iniciar a escolarização, pois o adquirem na sua rede primária de relações, constituída da família e vizinhos. A função da escola é justamente desenvolver outras variedades que se vão acrescer ao vernáculo básico. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 49).

- Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

Novamente o Currículo de Pernambuco demonstra preocupar-se com a Sociolinguística Educacional, fazendo valer o que afirma Sgarbi e Roncália (2011, p. 3) quando diz que compreender as variações e ter esse estudo prévio da “linguagem das majorias” é indispensável para que haja a solução de graves problemas sociais que decorrem das diferenças diastráticas da língua, entre eles, o preconceito linguístico.

- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

As práticas de linguagem em que o currículo se baseia são as mesmas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017), a saber, os eixos, Leitura; Produção textual; Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. Abaixo, a distribuição dos campos de atuação nas etapas do ensino fundamental e suas caracterizações, conforme o Currículo de Pernambuco (2019) e, em seguida, a análise dessas práticas de linguagem/eixos estruturantes:

CAMPOS DE ATUAÇÃO

Os campos de atuação são orientadores da seleção de gêneros, práticas e procedimentos em cada esfera discursiva e, por isso, a BNCC selecionou cinco

desses campos para as situações de uso da linguagem, dentro e fora do campo escolar, são eles o campo da vida cotidiana; campo artístico-literário; campo das práticas de estudo e pesquisa; campo jornalístico-midiático e campo da atuação na vida pública, como se observa abaixo:

Tabela 01 – Campos de Atuação

ANOS FINAIS	CARACTERIZAÇÃO
Campo da vida cotidiana	Refere-se à participação em práticas de leitura próprias de atividades vivenciadas no âmbito doméstico e familiar, escolar, cultural e profissional.
Campo artístico-literário	Refere-se à ampliação e à diversificação das práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento e valorização das manifestações artístico-literárias que possibilitem experiências estéticas, intencionando, principalmente, a formação do leitor-fruidor.
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Refere-se à participação em práticas relacionadas ao estudo, à pesquisa e à divulgação científica, visando a uma melhor compreensão e apropriação dos objetos de estudo, a partir, especialmente, da elaboração de textos-síntese. Ao mesmo tempo em que se desenvolvem procedimentos de busca, tratamento e análise de dados e de informações e formas variadas de registro e socialização de estudos e pesquisas.
	Refere-se ao trato da informação e opinião que estão no centro dessa esfera. A proposta é promover uma formação que

Campo Jornalístico-midiático	considere as causas e consequências de fenômenos como o da pós-verdade, o efeito bolha, a proliferação do discurso de ódio e <i>fake News</i> e o apelo ao consumo a partir da sensibilização para os fatos que acontecem na comunidade, na sociedade e no mundo e que afetam a vida das pessoas.
Campo de atuação na vida pública	Refere-se à ampliação e à qualificação da participação dos estudantes nas práticas relativas ao debate de ideias e à atuação política e social, pretendendo a promoção da consciência de direitos, da valorização dos direitos humanos e da construção de uma postura ética e responsável diante do outro.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

EIXOS ESTRUTURANTES

Os eixos são entendidos como articuladores da categoria dos campos de atuação, se materializando em práticas de linguagens situadas que devem ser postas em contextos significativos para os estudantes, estando de acordo, assim, com a Sociolinguística Educacional, que assume que é necessário que a escola saiba valorizar todo o aparato que o aluno traz consigo, da sua vivência para a sala de aula, como já citado na sessão dois da presente pesquisa, colocando, assim, o aluno como o centro do ensino-aprendizagem, além de se alinhar a uma política educacional que atende e respeita as peculiaridades culturais do aluno, questão levantada por Bortoni-Ricardo (2005) e trazida, também, no segundo capítulo desta pesquisa. A seguir, trataremos a análise de cada um desses eixos:

5.1.1 O eixo Leitura e a Variação

Sobre o trabalho com a variação no eixo Leitura, o documento pontua que ensinar a ler, significa, de maneira compreensível, mostrar aos alunos que é necessário considerar os contextos de produção onde as interações acontecem e demonstra também a importância do desenvolvimento de relacionar textos a diferentes linguagens, além de “permitir a interação com variadas crenças, valores, concepções, conflitos, subjetividade e identidades”. Dessa forma, os estudantes serão capazes de respeitar as diferenças.

O Organizador Curricular elaborado pelo Currículo de Pernambuco (2019), traz as habilidades que pretende desenvolver nos alunos nas aulas de Língua Portuguesa. Na prática de Linguagem Leitura/escuta (compartilhada e autônoma).

Do 6º ao 9º ano, o organizador seleciona quarenta e duas habilidades a serem desenvolvidas em sala de aula, das quais apenas uma habilidade volta-se ao reconhecimento de produções ditas marginalizadas, valorizando a cultura e o contexto social. Essa habilidade repete-se em cada um dos anos citados.

Figura 1 – Habilidades a serem desenvolvidas

(EF69LP44PE) Inferir, em textos literários, a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo e produções literárias (tanto as consideradas clássicas quanto as marginalizadas), valorizando-as e reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, as sociedades e as culturas, sem perder de vista a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Essa habilidade (Figura 01), que tem como Objeto de Conhecimento a reconstrução das condições de produção, circulação e réplica e faz parte do Campo de atuação artístico-literário, propõe que os alunos sejam capazes de compreender, dentro das produções literárias, todo o aparato social e cultural dessas produções, analisando desde textos clássicos até os marginalizados.

Observamos que essa habilidade se alinha à uma das propostas das autoras Sgárbia & Roncália, trazidas na sessão 2.1 desta pesquisa, no que diz respeito ao trabalho com a variação, pois os alunos poderão ter contato textos diversos, inclusive textos literários, para conhecer, assim, as competências discursivas da comunicação que as autoras pontuam, como também analisar o funcionamento na língua e quais os fatores que influenciam as variações analisadas.

O eixo da Leitura considera, dessa forma, todas as situações comunicativas e as diferentes linguagens dos textos, valorizando as diferentes culturas. Partiremos, a seguir, para a análise do eixo da Produção Textual, mais um pilar trazido no Currículo de Pernambuco.

5.1.2 O eixo Produção Textual e a Variação

No eixo Produção textual, a interação se dá através de textos escritos, orais e multisemióticos. O documento ainda traz que a produção e recepção desses textos voltam o seu olhar aos contextos e aos processos de produção, colaborando, dessa forma, com a concepção de língua como um sistema histórico e social, e da produção de texto como o processo/lugar de interação.

Nesse sentido, espera-se que os alunos sejam capazes de “analisar os diferentes contextos e situações sociais nos quais os textos são produzidos e sobre as diferenças – em termos formais, estilísticos e linguísticos – que tais contextos determinam”. Além de “empregar, de acordo com o contexto de interação, os aspectos notacionais e gramaticais”, como afirma o Currículo de Pernambuco (2019, p.83)

Do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, o Organizador Curricular traz vinte e uma habilidades que pretende desenvolver no eixo de Produção textual, das quais doze habilidades consideram o contexto social dos textos e as situações comunicativas. Essas habilidades se repetem em cada um dos anos, são elas:

Figura 2 – Habilidades 1

(EF69LP06PE) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural –próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção, circulação, planejamento e elaboração desses textos, participando ou vislumbrando possibilidades de participar de práticas de linguagem do campo jornalístico/midiático, de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Essa habilidade (Figura 02), que faz parte do Campo de atuação Jornalístico/Midiático e tem por Objeto de Conhecimento a relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais, observa a produção de textos dentro do gênero jornalístico, respeitando as condições de produção, seja nas produções de notícia, reportagens, entrevistas como também em cartas de leitor, comentários, entre outros.

Figura 3 – Habilidade 2

(EF69LP07PE) Planejar e produzir textos em diferentes gêneros do campo jornalístico/midiático, considerando sua adequação ao contexto de produção (os interlocutores envolvidos, os objetivos comunicativos, o gênero, o suporte, a circulação), ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com o auxílio do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Nessa habilidade (Figura 03), a variedade linguística deve ser levada em consideração ao se analisar o contexto de produção de textos dentro do Campo de Atuação jornalístico/midiático, que tem por Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita: planejamento e textualização/ adequação à condição de produção. Vejamos a seguir mais algumas habilidades trazidas pelo Organizador Curricular que consideram o contexto de produção:

Figura 4 – Habilidade 3

(EF69LP08PE) Revisar/editar o texto produzido (notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros), tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, à mídia em questão, às características do gênero, aos aspectos relativos à textualidade, à relação entre as diferentes semioses, e ao uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e da norma culta.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Essa habilidade em específico, (Figura 04), trabalha a revisão de textos ainda dentro do Campo de Atuação Jornalístico/Midiático e que tem como Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita: revisão/edição de texto informativo e opinativo. Os textos devem ser revisados levando em conta a situação comunicativa a que cada um pertence, deixando de lado, dessa forma, a crença de que apenas a norma padrão deve ser utilizada por ser “a mais correta”. Tal forma de trabalhar se alinha ao trabalho que as autoras Sgarbi e Roncália (2011), indicam e que foi trazido na sessão 2 da presente pesquisa, quando dizem que na reescrita/revisão de textos é importante que se pontue a variação e se explique o seu uso em diferentes contextos.

Figura 5 – Habilidade 4

(EF67LP09PE) Planejar notícia impressa e para circulação em outras mídias (rádio ou TV/vídeo ou redes sociais/websites), tendo em vista as condições de produção do texto (objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc.), a partir da escolha do fato a ser noticiado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes, análise de documentos, cobertura de eventos etc.–, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc. e a previsão de uma estrutura hipertextual (no caso de publicação em sites, redes sociais ou blogs noticiosos).

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Ainda no Campo de Atuação Jornalístico Midiático, a habilidade acima observa também o contexto de suas produções ao planejar notícias para serem publicadas em diversas mídias, tendo assim como Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita e o planejamento de textos informativos.

Figura 6 – Habilidade 5

(EF67LP12PE) Produzir, revisar e editar resenhas críticas, vlogs, vídeos, podcasts variados e gêneros próprios das culturas juvenis (fanzines, fanclipes, e-zines, gameplay, detonado etc.), que apresentem/descrevam e/ou avaliem produções culturais (livro, filme, série, game, canção, videoclipe etc.) ou evento (show, sarau, slam etc.), tendo em vista o contexto de produção dado, as características do gênero, os recursos das mídias envolvidas e a textualização adequada dos textos e/ou produções.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

A habilidade acima refere-se à produção, revisão e edição de gêneros que avaliam produções culturais, como resenhas críticas, por exemplo. Para tal, o Organizador Curricular considera, mais uma vez, os contextos de produção e suas características. Essa habilidade pertence ao Campo de Atuação Jornalístico/Midiático e tem como Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita: textualização, revisão e edição de textos argumentativos e apreciativos.

Figura 7 – Habilidade 6

(EF67LP13PE) Produzir, revisar e editar textos publicitários, levando em conta o contexto de produção definido, a esquematização do texto e a relação entre as esferas publicitária e jornalística, explorando os recursos multissemióticos, relacionando elementos verbais e visuais, utilizando adequadamente estratégias discursivas de persuasão e/ou convencimento e criando título ou slogan que façam o leitor motivar-se a interagir com o texto produzido e se sinta atraído pelo serviço, ideia ou produto em questão.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Fazendo parte do Campo de Atuação Jornalístico/Midiático e tendo por Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita, produção e edição de textos publicitários, a habilidade acima (Figura 07), também observa a situação comunicativa nessas produções, assim como a habilidade abaixo, (Figura 08):

Figura 8 – Habilidade 7

<p>(EF69LP22PE) Planejar, produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção local, as características dos gêneros em questão e os aspectos multissemióticos presentes para a construção de sentidos e a pesquisa de campo.</p>

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Nessa habilidade o processo de planejamento, produção e revisão refere-se, no entanto, a textos reivindicatórios ou propositivos, sendo esse o seu Objeto de Conhecimento e fazendo parte do Campo da Atuação da vida pública.

Figura 9 – Habilidade 8

<p>(EF69LP23PE) Contribuir com a escrita de textos normativos, diante de uma demanda na escola, tais como regimentos e estatutos de organizações da sociedade civil do âmbito da atuação das crianças e jovens (grêmio livre, clubes de leitura, associações culturais etc.) e de regras e regulamentos nos vários âmbitos da escola (campeonatos, festivais, regras de convivência etc.), levando em conta o contexto de produção e as características dos gêneros em questão.</p>

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Ainda dentro do Objeto de Conhecimento de estratégia de escrita, textualização, revisão e edição de textos reivindicatório ou propositivos e do Campo de Atuação da vida pública, encontra-se a habilidade acima (Figura 09), que observa os textos normativos, como regimentos e estatutos, considerando, também, o contexto dessas produções.

Figura 10 – Habilidade 9

(EF69LP35PE) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo ou de dados/informações extraídos de entrevistas e enquetes, tendo em vista seus contextos de produção (objetivo comunicativo, leitores/espectadores, gênero, veículos e mídia de circulação etc.), que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos advindos de pesquisas bibliográficas, experimentos científicos e estudos de campo realizados.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

A habilidade acima (Figura 10), observa o planejamento de textos científicos, tendo em vista o objetivo comunicativo. Essa habilidade tem como Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita/condições de produção de textos de divulgação científica e está inserido no Campo de Atuação das práticas de estudo e pesquisa.

Figura 11 – Habilidade 10

(EF69LP36PE) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, reportagem científica, verbete de enciclopédia impressa e digital, infográfico, infográfico animado, podcast ou vlog científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando seus contextos de produção (objetivo comunicativo, leitores/espectadores, gênero, veículos e mídia de circulação etc.) e suas características composicionais e estilísticas regulares.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

A habilidade correspondente à Figura 11 está inserida no Campo de Atuação das práticas de estudo e pesquisa e tem como Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita, textualização, revisão e edição. Essa habilidade também observa o contexto de comunicação em todas as etapas – de produção à edição e revisão, nos textos como artigo de divulgação científica, por exemplo.

Figura 12 – Habilidade 11

(EF69LP37PE) Produzir, revisar e editar roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (vlog científico, vídeo-minuto, programa de rádio, podcasts) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção (objetivo comunicativo, leitores/espectadores, gênero, veículos e mídia de circulação etc.), os elementos e a construção composicional dos roteiros.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

O Organizador Curricular traz mais uma habilidade (Figura 12) onde expressa o cuidado com a situação comunicativa na produção, revisão e edição de roteiros para elaboração de vídeos diversos, como vlog científico, por exemplo. Essa habilidade pertence ao Campo de Atuação das práticas de estudo e pesquisa e tem por Objeto de Conhecimento as estratégias de escrita, textualização, revisão e edição.

Todas as habilidades acima (habilidades de 1 a 12), apesar de pertencerem a diferentes campos de atuação, levam em consideração o contexto comunicativo em suas produções, observando, assim, a Sociolinguística Educacional, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2005) “a implementação da política pedagógica recomendada pelos linguistas requer, portanto, o estudo cuidadoso das variações correntes na língua portuguesa”.

Figura 13 – Habilidade 12

(EF69LP50PE) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romaneadas, crônicas, dentre outros, preferencialmente de autores pernambucanos, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação, assim como também as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) ; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador, retextualizando o tratamento da temática.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Por fim, o Organizador Curricular traz uma habilidade (Figura 13), que visa explicitar as marcas de variação linguísticas e analisar os dialetos encontrados na produção de textos teatrais a partir de adaptações de romances, contos, novelas,

entre outros. Essa habilidade pertence ao Campo de Atuação é o artístico-literário e o Objeto de Conhecimento é a relação entre textos.

O eixo da Produção Textual considera, como já dito anteriormente, o texto como lugar de interação e a língua como processo histórico e social. Dessa forma, traz a importância, dentro das habilidades propostas pelo Organizador Curricular, de se reconhecer as diferentes variedades nos textos produzidos, revisados e editados, observando assim o seu contexto comunicativo.

A seguir, analisaremos mais um eixo trazido pelo Currículo de Pernambuco (2019), o eixo da Oralidade.

5.1.3 O eixo Oralidade e a Variação

Partindo para o eixo Oralidade, o Currículo de Pernambuco destaca o “como dizer e o que se tem a dizer”, trazendo à tona a reflexão linguística em torno dessa modalidade em seus diversos contextos de interação, focando mais nas situações formais do que nas que os alunos já vivenciam. Considerando a oralidade como prática social, desenvolve-se no aluno uma ampliação do repertório, o domínio da variedade padrão para superação de preconceitos, etc. (CURRICULO DE PERNAMBUCO, 2019).

Para o trabalho pedagógico neste eixo, o documento propõe “analisar os diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que tais contextos determinam”. Além de “estabelecer um ambiente favorável à manifestação dos pensamentos, dos sentimentos e das identidades acolhendo as diferenças”. (CURRICULO DE PERNAMBUCO, 2019, p.84).

Do 6º ao 9º ano do Ensino Médio, o Organizador Curricular traz quatro habilidades que tratam da Variação Linguística e da adequação ao contexto comunicativo, repetidas em cada um dos anos:

Figura 14 – Habilidade que trata da Variação Linguística 1

(EF69LP10PE) Planejar e produzir, para TV, rádio ou ambiente digital, notícias, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros, como também textos orais de apreciação e opinião (deslocando-se de textos mais informativos para os mais opinativos), relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global, orientando-se por roteiro ou texto e considerando o contexto de produção (interlocutores pretendidos, o gênero, o suporte, os objetivos comunicativos) e as características composicionais dos gêneros.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Na habilidade acima (Figura 14), é observado o contexto comunicativo no planejamento e produção de notícias, *podcasts*, entrevistas, entre outros. O Campo de atuação é o jornalístico/midiático e tem como Objeto de conhecimento as estratégias de produção: planejamento e produção de textos jornalísticos orais.

Figura 15 – Habilidade que trata da Variação Linguística 2

(EF69LP12PE) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, a progressão temática e a variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.), os elementos cinésicos (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

A habilidade correspondente à Figura 15, observa o contexto linguístico e a variedade linguística em textos orais. A habilidade pertence ao Campo de atuação jornalístico/midiático e tem como Objeto de Conhecimento as estratégias de produção: planejamento, elaboração, revisão e edição de textos jornalísticos orais.

Figura 16– Habilidade que trata da Variação Linguística 3

(EF69LP38PE) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

As diferentes formas de uso da fala no trabalho com apresentações orais e o contexto de produção são consideradas nesta habilidade (figura 32), que pertence ao Campo de atuação das práticas de estudo e pesquisa e tem por Objeto de conhecimento as estratégias de produção, planejamento e produção de apresentações orais.

Figura 17 – Habilidade que trata da Variação Linguística 3

(EF69LP52PE) Representar cenas ou textos dramáticos, especialmente de obras de autores pernambucanos e/ou da cultura local, considerando, na caracterização dos personagens, os aspectos linguísticos e paralinguísticos das falas (timbre e tom de voz, pausas e hesitações, entonação e expressividade, variedades e registros linguísticos), os gestos e os deslocamentos no espaço cênico, o figurino e a maquiagem e elaborando as rubricas indicadas pelo autor por meio do cenário, da trilha sonora e da exploração dos modos de interpretação, articulando conhecimentos de outros componentes curriculares (Arte, Educação Física, dentre outros).

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

O Organizador Curricular traz uma habilidade (Figura 16) onde os aspectos linguísticos como a variedade e registros linguísticos regionais são considerados, nesse caso, na representação de cenas ou textos dramáticos, estando inserida, portanto, no Campo de atuação artístico-literário e tendo por Objeto de conhecimento a produção de textos orais e representação de textos dramáticos.

Como visto nas análises das habilidades acima, além dos contextos comunicativos, o eixo da Oralidade observa, também, as variações linguísticas e trabalha para ampliar o repertório dos alunos, sem esquecer do aparato que já trazem consigo, estando alinhado, dessa forma, com a Sociolinguística Educacional, que pontua que o aprendizado da norma culta deve possibilitar justamente essa

ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, como citado na sessão dois deste trabalho, mas sem ignorar todo o aparato que os alunos carregam.

A partir de agora analisaremos o último eixo proposto pelo Currículo de Pernambuco (2019), o eixo da Análise Linguística/Semiótica.

5.1.4 O eixo Análise linguística/semiótica e a Variação

Por fim, o eixo da Análise linguística/semiótica, compreende, segundo o Currículo de Pernambuco, o “uso-reflexão-uso” da língua, com a finalidade de que os alunos “reflitam sobre as diferentes possibilidades e recursos da língua na produção de sentido e adequado ao contexto de interação”. (CURRICULO DE PERNAMBUCO, 2019, p.84).

Para o trabalho do 6º ao 9º ano do Ensino Médio, o Organizador Curricular propõe 35 habilidades das quais quatro tratam da Variação Linguística:

Figura 18– Habilidade que trata da Variação Linguística 1

(EF69LP55PE) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico, valorizando a cultura a qual pertence e/ou representa.
(EF69LP56PE) Fazer uso consciente e reflexivo de regras da norma-padrão em gêneros orais e escritos adequados a determinadas situações comunicativas.

Fonte: CURRICULO DE PERNAMBUCO (2019)

As duas habilidades acima (Figura 17) analisam todas as possíveis variedades linguísticas para identificá-las e respeitá-las, desprezando assim qualquer tipo de preconceito, fazendo valer, dessa forma, o que Bortoni-Ricardo (2005) diz quando afirma que a efetiva operacionalização de uma política educacional igualitária e democrática requer estudo criterioso dos fenômenos sociolinguísticos, analisados em suas peculiaridades, por meio de métodos adequados, como já citado na sessão dois da presente pesquisa. As habilidades pertencem a todos os Campos de Atuação e têm por Objeto de Conhecimento a Variação Linguística.

No 9º ano, além das habilidades acima, o Organizador Curricular sugere mais uma em que se considera a Variedade Linguística:

Figura 19 – Habilidade que trata da Variação Linguística 2

(EF09LP12PE) Identificar estrangeirismos, gírias e regionalismo, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência ou não, de seu uso na construção de sentido em diferentes gêneros textuais e situações comunicativas.

Fonte: CURRÍCULO DE PERNAMBUCO (2019)

Essa habilidade (Figura 18), pertence a todos os Campos de Atuação, tendo por Objeto de conhecimento a Variação Linguística. Ela preconiza a identificação de gírias, estrangeirismos e regionalismos para avaliar se é pertinente ou não o uso das mesmas na construção de sentidos em diferentes gêneros e contextos comunicativos.

Nas habilidades acima, o Organizador Curricular busca não só desenvolver nos alunos o conceito de norma-padrão, mas também o das diversas variedades da língua, fazendo com que elas coexistam, buscando, dessa forma, valorizar o aparato que os alunos trazem consigo em suas individualidades, corroborando para a quebra do preconceito linguístico. Dessa forma, se alinha à Sociolinguística Educacional, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 31) “A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas- que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical)”.

As habilidades dentro das práticas de linguagem, que são os quatro eixos que acabamos de analisar – leitura; produção textual; oralidade e análise linguística/semiótica - como já citado no início desta sessão, estruturam-se de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017), assim como em documentos estaduais anteriores, como a BCC 2008, que pontua que a língua deve ser entendida como uma ação contextualizada, situada historicamente e que está sempre inserida numa situação de interação. Dessa forma, o Currículo de Pernambuco assinala que as práticas de linguagem/eixos de ensino se materializam em campos de esfera discursivas/situadas, relacionando-se, portanto, às práticas de uso e reflexão e sendo influenciados pelo contexto de produção e recepção dos textos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se propôs a analisar o trabalho com a variação linguística no Currículo de Pernambuco, um documento criado pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco em parceria com a UNDIME-PE que, a partir de 2019, serve de orientador do trabalho pedagógico dos Ensinos Infantil, Fundamental e Médio.

A análise foi feita na área de linguagens do Currículo, mais especificamente na disciplina de Língua Portuguesa, observando o Organizador Curricular que o documento traz, focando as séries do 6º ao 9º ano, anos finais do Ensino Médio.

Essa pesquisa, de análise documental, teve como base a Sociolinguística Variacionista e também contou com os estudos de autores como Bortoni-Ricardo e Sgarbi & Roncália, dentro da Sociolinguística Educacional, que abordaram pontos importantes no que diz respeito ao trabalho com a variação linguística nas aulas de Português. Por ser um Currículo novo, acreditamos ser essa uma das primeiras análises do documento, abrindo caminhos para outros estudos do mesmo.

Acreditamos que a proposta inicial de análise foi alcançada, observamos as práticas de linguagem formuladas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017), que serviu de base para o Currículo de Pernambuco. Essas habilidades são divididas em quatro eixos estruturantes, são eles os eixos de Leitura, Produção Textual, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. Essa concordância com a BNCC (2017) contribui para que as práticas pedagógicas que nela se baseiam estejam alinhadas aos parâmetros nacionais.

Constatamos que, segundo o nosso olhar, o Currículo de Pernambuco (2019) trouxe, em geral, uma preocupação com a Variação Linguística, o que também foi detectado na prática do Organizador Curricular, em algumas das atividades propostas. Nessas atividades foi possível observar a preocupação com a questão social da linguagem, respeitando a situação comunicativa. Além disso, o Organizador Curricular pontua que todas as manifestações linguísticas são “legítimas e naturais”, considerando, assim, as marcas de variação e os diferentes dialetos.

Foi observado também que as atividades relacionadas ao trabalho com a variação linguística, nas habilidades propostas pelo Organizador Curricular, se repetem em cada um dos anos, e, apesar de estarem presentes em cada um dos

eixos, as atividades que trabalham os contextos comunicativos não estão presentes em todas as habilidades: no eixo da Leitura, de quarenta e duas habilidades observamos o trabalho com a Variação Linguística em quatro; no eixo da Produção Textual, de vinte e uma habilidades, doze trabalham a situação comunicativa e variedade linguística; no eixo da Oralidade, quatro habilidades e no eixo da Análise Linguística/Semiótica, de trinta e cinco, também quatro habilidades observam o contexto comunicativo e o trabalho com a variação linguística.

Podemos dizer que atingimos o objetivo da pesquisa, que era analisar como o Currículo de Pernambuco trata a questão da Variação Linguística e como isso se reflete nas atividades dentro das habilidades que o Organizador Curricular pretende desenvolver nos alunos. Acreditamos que o Currículo de Pernambuco e seu Organizador Curricular está, no que propõe ao observar as Variedades Linguísticas, de acordo com a Sociolinguística Educacional, pois observa, dentro dessas habilidades, as competências comunicativas além do funcionamento da variedade na língua e quais fatores as influenciam. Ademais, as práticas do Organizador Curricular conseguem cumprir as propostas feitas pelo próprio documento, no que diz respeito ao trabalho com a Variedade Linguística nas salas de aula, dentro do estado de Pernambuco.

Acreditamos também que o Currículo de Pernambuco (2019) traz valiosas contribuições para o trabalho pedagógico, pois, ao inserir a observação às diversas variantes da língua, trabalha não só para a quebra do preconceito linguístico, mas também dando subsídios para que o professor possa conhecer as características sociais da fala de seus alunos e, com isso, trabalhar na ampliação da competência linguística dos mesmos. Dessa forma, esses alunos terão “cinesia social”, no sentido de saber quando e onde usar cada uma das variantes da língua, tanto falada quanto escrita. Por isso, introduzir a Sociolinguística na sala de aula é fundamental para o ensino-aprendizagem e para a formação de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 263 p.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Sociolinguística**. 2011. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguistica_1330351479.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. 172 p.

GOODSON, Ivor F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa e Autor, 1997.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. **Investigação Qualitativa em Educação**, Porto Alegre, v. 2, p.1-5, 2015.

LABOV, Willian. O estudo da língua em seu contexto social. In: LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 215-301.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto Recifense**. 2004. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1. p. 9-15.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco**. Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco (SEE); União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/PE), 2019.

SANTOS, Mayra Patrícia André dos. **A utilização do “nós” e “a gente” em textos escritos por estudantes de Garanhuns-PE: uma análise sociolinguística**. 2015. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal Rural de Garanhuns, Garanhuns, 2015.

SGARBI, Nara M. Fiel de Quevedo; RONCÁLIA, Franciane de Lima. Sociolinguística Educacional: Teoria e Prática nas aulas de Língua Portuguesa. **Interletras**, Dourados, v. 10, p.1-10, 2011.